

O HARÉM, O VÉU, O JARDIM: AMBIGUIDADE COLONIAL E AGÊNCIA FEMININA EM AS DESENCANTADAS, DE PIERRE LOTI.

Roberta Salgueiro (UnB)¹

Resumo: O artigo analisa a representação da mulher muçulmana no último romance de Pierre Loti, de 1906. O véu, tido ainda no século XXI como correspondente simbólico da clausura, é o marcador visível da diferença cultural e objeto de disputa política. O harém com seus jardins e o véu são objetos de desconstrução nessa obra que lança luz sobre a estabilidade do signo feminino oriental na literatura e na sociedade.

Palavras-chave: Pierre Loti; romance colonial; harém; exotismo; orientalismo

A presente análise inscreve-se no debate sobre a atualidade do conceito de orientalismo e suas inflexões. A reflexão sobre essa ferramenta teórica, cujos contornos foram traçados por Edward Said no clássico *Orientalismo*, de 1978, tem especial relevância ao fim desta primeira década do século XXI, quando a polaridade oriente-ocidente é intensificada com os eventos de setembro de 2001 e ações subsequentes. A urgência dos fluxos migratórios, o aumento de ameaças transnacionais e o crescimento dos nacionalismos em território europeu foram traduzidos em medidas concretas de contenção da diferença cultural e política. Países da União Europeia como França, Bélgica, Áustria, Holanda e, mais recentemente, Dinamarca, proibiram o uso do véu islâmico em espaços públicos, levantando questionamentos quanto aos direitos de expressão da identidade religiosa e cultural daqueles povos.

A mulher esteve sempre presente nas disputas narrativas ocidentais sobre o oriente, seus costumes, suas políticas e sua cultura. No centro da representação sobre a sexualidade dos povos islâmicos – e nessa plataforma estereotípica confundem-se persas, árabes e turcos – figuram a curiosidade e a especulação sobre a mulher muçulmana. O interesse em interrogar a construção da imagem da mulher oriental conduziu ao universo ficcional de Pierre Loti. Oficial da Marinha francesa, Pierre Loti, batizado Louis Marie Julien Viaud, nasceu em Rochefort em 1850 e alcançou sucesso editorial com seus romances inspirados nas viagens que fez a partir de sua posição funcional. Era um agente

¹ Doutora em Antropologia Social (UnB). Pós-doutoranda em Teoria Literária (UnB). Contato: rrsalgueiro@gmail.com.

colonial escrevendo sobre os territórios conquistados ou sobre povos de lugares de interesse para a ordem política colonial. Para Todorov (1989), que o alcunha “coleccionador de impressões”, Loti foi responsável pela criação de um gênero romanesco, um romance colonial único: para ser desejada, a mulher precisa ser exótica em sua diferença cultural. O desejo pela mulher, portanto, mimetiza o desejo pela terra exótica.

Para Barthes (2000), Loti também é original na ousadia do deslizamento autoral e do jogo de identidades. Seu último romance, que será foco da análise neste artigo, apresenta o paroxismo da pseudonímia. Confundem-se, ali, a pessoa que escreve, a alcunha do autor, a personagem, a fantasmagoria de personagens passados e sujeitos que afirmam serem a fonte real da trama ficcional.

Em se situando a representação literária europeia da mulher na sociedade islâmica encontram-se, em um polo, o arquétipo da dançarina do ventre, hipersexuada e disponível, dos relatos de Flaubert, e, em outro, o da mulher velada e reprimida personificada na literatura egípcia pela Amina da trilogia do Cairo de Naguib Mahfuz. Entre uma e outra, encontram-se Zeinab, Mélek e Djénane, as personagens do romance aqui abordado. As *Desencantadas*, publicado em fascículos entre 15 de março e 1º de junho de 1906 com o subtítulo *Romance dos Haréns Turcos Contemporâneos*, tem como enredo a relação do personagem André Lhéry, escritor francês bem-sucedido, com três turcas: as irmãs Zeyneb e Melek, e sua prima Djénane. Ávidas leitoras de Lhéry, as três turcas o interpelam para que escreva um livro sobre os horrores do harém e assim sucedem-se encontros e correspondências que resultariam no romance-denúncia. O desfecho repete o padrão do romance colonial inaugurado por Loti. Assombradas pela imposição de novos casamentos, conforme previsto na tradição e após conseguirem, diligentemente, se livrarem dos enlaces originais, as três morrem.

Esse padrão foi inaugurado no primeiro romance de sucesso de Loti, e pelo qual ainda é conhecido, *Aziyadé*, de 1879. Na ocasião, Pierre Loti era o nome do personagem, que viaja a Istambul e apaixona-se pela dama do harém a quem se intitula o romance. Publicado anonimamente, *Aziyadé* apresentou ao leitor um universo romanesco exótico proibido e inaugurou a relação literária do autor com a Turquia. Após a publicação, Loti toma para si o nome do personagem e aposenta Julien Viaud, passando a assinar seus romances como Pierre Loti – que, inclusive, segue sendo personagem, como no romance *O Casamento de Loti (Rarahu)*, de 1880.

Descobrimos logo no início do romance que André Lhéry tem uma história antiga com Istambul, onde esteve vinte anos antes, quando viveu um amor que ali morreu e cujo túmulo abandonado Lhéry jura restaurar e honrar. *As Desencantadas* repete *Aziyadé* e acrescenta mais camadas ao jogo de identidades: Lhéry seria, na realidade, Loti, que visita o túmulo, os jardins, as vielas, as sombras e a memória de Nedjibé, nome “real” da heroína de seu antigo romance, em que fora alcunhada Medjé. O paralelo de Medjé/Nedjibé com *Aziyadé*, que sublinha a repetição do signo feminino do romance colonial em Loti é reforçado ao longo do romance. Ao visitar o túmulo, abandonado e devastado cinco anos após sua última visita fúnebre, Lhéry/Loti manifesta um pesar ambíguo por expor em seu romance as intimidades de Nedjibé/Medjé/*Aziyadé*:

Sobre a estela cahida na herva ninguém viria ler o seu nome, o seu verdadeiro nome, que, entretanto, nada evocava... D’antes, muitas vezes se tinha supposto um profanador, por ter manifestado, publicamente, sob um nome de invenção, um pouco d’ella propria, a milhares de indifferentes, n’um livro muito intimo, que nunca deveria ter publicado; mas agora, pelo contrario, sentia-se feliz por ter procedido assim, por causa da piedade despertada por ella e que continuaria a despertar-se, aqui e ali, durante annos ainda, no fundo de almas desconhecidas que lessem o seu livro. N’esse momento, arrependia-se mesmo de não ter dito o seu verdadeiro nome, parecendo-lhe que essas piedades, então, teriam vindo e viriam ainda mais diretamente ao querido fantasma (LOTI, s/d, p.74).

A fantasmagoria da amada/personagem como uma fantasmagoria da iterabilidade do signo feminino na representação da mulher oriental por Loti atinge seu ápice na semelhança espectral percebida por Lhéry entre Djenáne e Nedjibé, quando aquela finalmente cede aos insistentes pedidos do escritor e levanta as camadas de véus negros que manteve durante seus encontros, revelando-lhe o rosto.

O derradeiro romance de Loti enovela autoria e representação e oferece elementos para indagar a relação entre orientalismo, colonialismo e gênero. A interseção entre o texto ficcional de Loti e as narrativas de mulheres diretamente relacionadas com o romance trazem ainda mais elementos para a análise da relação do autor francês com a mulher oriental, muçulmana. A ambiguidade do autor, o jogo identitário e a autoridade colonial são ressaltados quando uma publicação revela que Loti teria de fato se encontrado com três mulheres entre a escritura e o lançamento do romance.

Em 1906, ano de lançamento dos fascículos de *As Desencantadas*, duas turcas “fugiram” para a Europa: eram Hadidjé Zennour e Nouryé el Nisa, filhas de Noury Bey,

ministro do sultão do Império Otomano Abdul Hamid II. Ambas publicaram suas memórias e escrituras na França sob os pseudônimos Zeyneb e Melek Hanum. O vórtice autoral intensifica-se quando, em 1923, ano da morte de Loti, uma francesa chamada Marie Léra publica, sob o pseudônimo Marc Hélys, o texto “O Segredo das Desencantadas”, em que afirma: “Djénane não está morta. Djénane não era turca. Djénane era uma mulher francesa (...) que sempre foi atraída pela Turquia (...), que amava e se apiedava das mulheres turcas e queria fazer-lhes bem” (DÖŞKAYA, 2016). Especula-se ainda que Léra/Hélys seria de fato a inglesa Grace Ellison (*ibidem*).

As Desencantadas foi recebido como um romance absolutamente distinto das obras anteriores do autor. Traz uma virada radical na caracterização da mulher otomana de Loti. A mulher oriental de suas obras anteriores era apresentada como genericamente passiva, dependente e submissa. As três desencantadas, assim como algumas outras mulheres de seu convívio, são representadas no mais das vezes como reflexivas, rebeldes, cultas, fortes e decididas. É também perceptível um rearranjo no padrão de exotismo de Loti no que concerne ao harém. Loti afirma didaticamente que harém não é senão os aposentos domésticos femininos:

Nenhum traço de odaliscas, nem de zumbaias, nem de doces, n’aquele harem de pachá, composto pela avó, a mãe, as filhas e as netas com suas professoras. De resto, à parte duas ou três exceções talvez, todos os harems de Constantinopla se assemelham àquelle. O harem de hoje é, mui simplesmente, a parte feminina d’uma família, constituída como nos a constituímos, educada como nos a educamos (...) (LOTI, s/d, p. 26-27).

O vocábulo harém por si, importa recordar, era então um chamariz para a venda de literatura. A inacessibilidade do harém e as fantasias associadas ao “encarceramento” de mulheres é um tema elaborado desde o século XVI por meio de relatos de viagens (SOARES, 2015). Posteriormente, o tema é explorado em romances, sendo um dos mais famosos e consumidos as *Cartas Persas*, de Montesquieu (1721) São, portanto, séculos de construção da percepção europeia sobre a mulher muçulmana como associável ao mistério e ao encarceramento.

Surpreende, então, dado o histórico da representação do harém e das mulheres muçulmanas, que Loti, justamente o autor conhecido por sua estratégia exotizante, publique um romance que não só desconstrói parcialmente as fantasias – eróticas, no mais

das vezes – associadas ao harém como dá espaço para uma reivindicação das mulheres orientais por mudança nos costumes e valorização de suas subjetividades.

A multivocalidade do romance – isto é, a expressão das reivindicações feministas das mulheres turcas por Zeyneb e Mekek Hanim – e a percepção das mudanças pelas quais passava a Turquia de então, em pleno processo de modernização podem ter influenciado o autor em sua caracterização do espaço doméstico muçulmano. Loti não deixa, porém, de valer-se de seu domínio literário, o exotismo, que emerge das páginas do romance nas descrições contemplativas e nostálgicas de Istambul e no fetiche pelo véu.

Em artigo de 2002, a antropóloga Lila Abu-Lughod lança uma questão com o objetivo de evidenciar as assimetrias de poder que persistem na relação entre ocidente e oriente em articulação com o feminismo, o universalismo e o relativismo na contemporaneidade. *As mulheres muçulmanas precisam realmente de salvação?* (ABU-LUGHOD, 2002), questiona Abu-Lughod a propósito do retorno da “obsessão” pelas mulheres árabes e o véu muçulmano no bojo da operação “guerra ao terror”, iniciada efetivamente após o ataque ao World Trade Center em setembro de 2001. Com essa indagação, a estudiosa denuncia o oportunismo fetichista do “resgate” das mulheres. Abu-Lughod aponta que as críticas de personalidades e instituições ocidentais às estruturas patriarcais das sociedades orientais no mais das vezes concentram-se nos aspectos religiosos, em pequenos traços de cultura, sem ampliar o debate para as causas do crescimento do extremismo e do conservadorismo, e ignorando as próprias incursões militares da coalizão ocidental ao Afeganistão e ao Iraque.

Tal preocupação seletiva, que desloca para o véu – ou, até recentemente, para os costumes domésticos, como o espaço do harém – a problemática política da mulher muçulmana repete uma prática corriqueira do imperialismo colonial. Frantz Fanon demonstrou como a preocupação com o véu feminino constituía uma estratégia e um mecanismo sistemático de dominação colonial que promovia o apagamento da diversidade cultural e o esgarçamento do tecido social (FANON, 1965). Pesquisas de especialistas como sociólogos etnólogos revelaram a centralidade da mulher na sociedade argelina e orientaram uma doutrina política de dominação colonial francesa com foco nas muçulmanas a partir de 1930. A vitimização da mulher muçulmana foi orquestrada com censuras públicas e ações de “libertação” das mulheres argelinas. Fanon aponta ainda que

os primeiros alvos da política colonial foram as mulheres pobres: grupos de solidariedade e de filantropia distribuíam semolina e um sermão sobre a vergonha do véu e do claustro (FANON, 1956, p. 38).

Esse tropo repete-se no romance de Loti. A ansiedade em relação ao véu portado pelas interlocutoras cresce a cada encontro e seu personagem estrangeiro pressiona as turcas até que cada uma levante o véu em sua presença. A aura de proscricção da mulher muçulmana confinada revela-se, nas *Desencantadas*, na ansiedade causada pelo véu de Djenane ao francês André Lhéry. A tensão erótica entre André Lhéry e a diáfana Djenane culmina no apelo do escritor para que permita que se lhe vejam os olhos. Djenane, em um arroubo, desvela-lhe o rosto, em uma passagem pontuada pelo suspense e pelo erotismo.

O véu, tido ainda na contemporaneidade como correspondente simbólico da clausura, é o marcador mais retumbante da diferença cultural e objeto de disputa política. É perceptível a apreensão das mulheres d'As *Desencantadas* diante da proposta de levantar o véu. Em um momento de relutante resistência, conduzem-no, em plena tarde de Ramadã, ao interior do harém, onde permanecem com um véu leve atado à parte posterior da cabeça. Questionadas por Lhéry, afirmam ser tradição. Posteriormente, porém, revela-se ao leitor que não é um hábito cobrir a cabeça dentro de casa; a ideia de expor os cabelos e, principalmente, a nuca, um homem estranho – ainda que estimado amigo – seria transgressor demais até para elas, porta-vozes da mudança. Tradição, transgressão e engajamento por transformação social são traduzidos no romance por meio do véu. Logo nas primeiras páginas do romance, a caracterização de Djénane apresenta ao leitor o oxímoro de uma mulher que lê Baudelaire, Kant, Nietzsche, comunica-se em francês cristalino, mas cobre a cabeça com um véu para ler a carta de um homem.

O ambiente do harém segundo as personagens de Loti é de tal modo opressor que mesmo os jardins da propriedade, onde poderiam circular, eram percebidos como espaço interdito. Na manhã do dia de seu casamento, Djénane recebe a carta de Lhéry, e com ela em mãos observa os jardins da propriedade, cercados por muros, que a desestimulam a “ver o céu livre, as árvores, a magnificência das primeiras rosas, expor suas faces às carícias do ar do sol...” (LOTI, s/d: 15). Ainda assim, amava o jardim, descrito profusamente, principalmente por sua antiguidade, que guardava uma “alma nostálgica” das tantas jovens mulheres enclausuradas que ali viveram. No romance, Djénane implora a ajuda do escritor francês para divulgar o sufocamento das mulheres turcas: “É em nosso

nome (...) e em nome de todas as nossas irmãs da Turquia, um favor... Senhor Lhéry, tome a nossa defesa; escreva um livro em favor da pobre muçulmana do século XX!” (LOTI, s/d, p. 117).

A literatura repete a ansiedade real vivida por Zeyneb. Exilada na França, Zeineb argumenta em suas memórias que não era fácil para uma turca registrar suas reivindicações e que artigos escritos por mulheres não seriam publicados. Reunia-se, então, com outras mulheres para jantares em que liam publicações sobre e de outras mulheres e debatiam as questões delicadas que não conseguiam repercutir para fora dos harems. Concluíram que precisavam de alguém que publicasse por elas suas ideias e engajaram-se na solução para contatar Loti, escritor famoso e amado na Turquia. Escreveram então o oficial Viaud, que incumbiu-se da tarefa de escrever um romance sobre os harems turcos do início do século XX. Zeineb esclarece, contudo, que comunicavam-se por cartas e que Loti vira os rostos de Zeineb e de Melek apenas na França, onde se encontraram (ELLIOT, 1928).

Depreende-se das memórias de Zeyneb e Mélek, publicadas na Europa, que não eram o véu ou o harém em si que incomodavam e motivavam a queixa. Antes, a opressão relacionava-se com os arranjos matrimoniais tradicionais e a falta de liberdade para ir e vir. De acordo com Reina Lewis (2004), Zeineb indica, já a partir da Europa, o anseio das mulheres turcas pré-reformas pelo direito de escolher o marido, pelo direito à monogamia e o desejo de viver em suas próprias casas ao invés da residência da família extensa. De acordo com Lewis, Zeyneb desencanta-se, ainda, com o que chama de “miragem ocidental”: ela vê o casamento ocidental como correspondente à subordinação das mulheres turcas.

Tais questões contextualizam a investigação da mascarada que “perturba” a autoria do romance e, conseqüentemente, da reivindicação feminista turco-otomana. Loti está dentro e fora do texto, assim como Zeynab, Melek e Djenane estão dentro e fora do texto, todos em complexa coordenação de camadas.

A mirada colonial de Loti, que homogeneiza as mulheres e esvazia suas queixas de sentido político, também, ao mesmo tempo em que parece dar-lhes voz, subtrai-lhes a voz e a substitui pela subjetividade colonial exotizante do herói europeu, que, novamente, “salvará” a mulher oriental. A ambivalência de Loti, que desconstrói o imaginário orientalista do harém, mas foca o romance no elemento cultural – o véu e as sombras que

ele lança sobre a autonomia das mulheres –, é um padrão recorrente em abordagem às mulheres muçulmanas ainda hoje, conforme demonstram Abu-Lughod (2012) e as recentes medidas que incidem sobre a expressão da identidade cultural dessas mulheres em território europeu.

No vórtice autoria-autenticidade-representação, por um lado, e mudança cultural e tradição por outro, *As Desencantadas* apresenta-se como uma espécie de eco: um texto do passado que, na estabilidade do signo estereotípico, reverbera a representação da mulher muçulmana do século XXI.

Referências

ABU-LUGHOD, Lila. “As mulheres muçulmanas precisam realmente de salvação? Reflexões antropológicas sobre o relativismo cultural e seus Outros.” In: **Estudos Feministas**. Florianópolis, 20(2): 256, maio-agosto/2012.

BARTHES, Roland. **O Grau Zero da Escrita**. Tradução Márcio Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

DÖŞKAYA, Füsün. “Grace Ellison: an englishwoman in a Turkish harem”. In: **Journal of Modern Turkish History Studies**. VI/33, Autumn 2016. p. 93-104.

ELLISON, Grace. **Turkey today**. 1928. Disponível em: <digitallib.stou.ac.th> 28/09/18

FANON, Frantz. **A Dying Colonialism**. New York: Grove Press, 1965.

LOTI, Pierre. **Les Desenchantées. Roman des harems turcs contemporains**. Edição Pierre Loti de L’Academie Française. Paris: Omnibus, 2011.

_____. **As Desencantadas. Romance dos harems turcos contemporaneos**. Tradução Jorge Gonçalves. Rio de Janeiro: Flores e Mano, s/d.

LEWIS, Reina. **Rethinking Orientalism. Women, travel and the otoman harem**. London, New York: IB Tauris, 2004.

SOARES, Maria Juliana de Oliveira. **O harém ao rés do chão. Imaginário europeu e representações médicas sobre o lugar-segreto, 1599-1791.** Tese de doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 2015.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente.** Tradução Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

TODOROV, Tzvedan. **Nous et les autres. La réflexion française sur la diversité humaine.** Paris: Éditions du Seuil, 1989.